

A publicação deste número constitui um passo importante na vida da **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Por várias razões. Em primeiro lugar, o conselho de redacção foi significativamente alargado, o que se fez não tanto para facilitar a divisão interna do trabalho de produção da **Revista** como para aprofundar o cumprimento da vocação interdisciplinar que originalmente nos congregou. Deste modo, entraram para o conselho de redacção um economista, um filósofo e um especialista da literatura. Em segundo lugar, este número dá corpo a uma iniciativa que julgamos sem precedentes em Portugal e que tem potencialmente condições para constituir uma das fontes privilegiadas de enriquecimento do nosso projecto científico. O conselho de redacção decidiu oferecer o forum da **Revista** e, portanto, a possibilidade de organizar um número, a grupos de cientistas sociais em que se reconheçam dinamismo e coesão internos e, muito especialmente, capacidade e motivação para o trabalho científico colectivo (desde que, como é evidente, os participantes aceitem o estatuto editorial por que nos regemos). O primeiro convite foi dirigido ao grupo de anglo-americanística da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e, pela qualidade do trabalho produzido, podemos concluir que a iniciativa teve um baptismo auspicioso. Ao tornar possível a produção de números temáticos, como este sobre **Literatura em Sociedade**, obtém-se o máximo de abertura interdisciplinar com o mínimo risco de pulverização teórica. Ao privilegiar o processo colectivo de produção científica, procura-se uma garantia adicional contra o individualismo possessivo dos intelectuais, o qual, para além de ser a expressão do pecado original de um conhecimento que se quer científico e *social*, é, ainda, um ominoso sinal de traição quando esse conhecimento se pretende crítico e propiciador da transformação social.

Por último, este número constitui um passo importante no sentido da afirmação pública da **Revista**: para ele contamos com o apoio financeiro da Fundação Calouste Gulbenkian, o que é tanto mais de realçar e agradecer quanto mais a política cultural do Estado vai caindo no atoleiro da incúria, do nepotismo e do autoritarismo.

O Conselho de Redacção